

PROBLEMATIZANDO A EDUCAÇÃO AMBIENTAL: REFLEXÕES A PARTIR DAS AÇÕES DESENVOLVIDAS NO MUNICÍPIO DE DOURADOS (MATO GROSSO DO SUL, BRASIL)

Flaviana Gasparotti Nunes
UFGD – Universidade Federal da Grande Dourados – Brasil
flaviananunes@ufgd.edu.br

1. Introdução

Carvalho (2006, p. 23-24) ao referir-se sobre a emergência do debate sobre a Educação Ambiental afirma que:

O surgimento da questão ambiental como um problema que afeta o destino da humanidade tem mobilizado governos e sociedade civil. Nas últimas décadas, todo um conjunto de práticas sociais voltadas para o meio ambiente se tem instituído tanto no âmbito das legislações e dos programas de governo quanto nas diversas iniciativas de grupos, de associações e de movimentos ecológicos. Na esfera educativa temos assistido à formação de um consenso sobre a necessidade de problematização dessa questão em todos os níveis de ensino. Assim, a EA vem sendo valorizada como uma ação educativa que deveria estar presente, de forma transversal e interdisciplinar, articulando o conjunto de saberes, formações de atitudes e sensibilidade ambientais.

Sendo assim, os estados e municípios têm elaborado programas e propostas que contemplem a temática ambiental, seja sob a denominação de Educação Ambiental ou outras atividades similares.

Esta pesquisa tem como objetivo central avaliar as propostas ou programas de Educação Ambiental existentes e desenvolvidos no município de Dourados (MS, Brasil) ligados ao poder público municipal e estadual¹. Com base em levantamento e análise das propostas e ações existentes pretende-se identificar e caracterizar, nesses programas, as concepções e práticas de Educação Ambiental, além de verificar as formas de desenvolvimento de acordo com os objetivos estabelecidos nas mesmas. A partir disso, pretende-se buscar elementos para uma avaliação dessas propostas em termos de suas contribuições e problemas.

Para atingir os objetivos em questão, estamos utilizando os seguintes procedimentos metodológicos: estudo bibliográfico sobre Educação Ambiental e suas principais questões; levantamento, junto à prefeitura e Secretarias de Estado (Educação e Meio Ambiente) sobre os programas e propostas de Educação Ambiental existentes; leitura e análise dos programas de Educação Ambiental levantados; identificação das concepções e práticas de Educação Ambiental presentes nas propostas analisadas; verificação *in loco* das formas de desenvolvimento dos programas de Educação Ambiental nas escolas envolvidas, por meio de entrevistas com coordenadores pedagógicos, professores e alunos.

¹ Projeto de pesquisa financiado pela FUNDECT – Fundação de Apoio ao Desenvolvimento do Ensino, Ciência e Tecnologia do Estado de Mato Grosso do Sul, Brasil.

2. O debate teórico sobre a Educação Ambiental

Partimos do entendimento de que a reflexão em torno da Educação Ambiental tem relação direta com a discussão sobre as concepções de natureza e meio ambiente construídas na modernidade.

Tamaio (2002, p. 37) chama atenção para o fato de que natureza é um conceito categorizado por seres humanos, sendo fundamentalmente político e essas concepções são variadas e estão intimamente ligadas ao período histórico e à correlação de forças políticas das classes sociais determinadas historicamente².

Sendo assim, é importante considerar o próprio conceito de natureza, que no contexto da Educação Ambiental é, via de regra, relacionado à compreensão de ambiente como sinônimo de mundo natural³. Esta é uma questão que interfere diretamente na construção das concepções e práticas desenvolvidas e subjacentes às atividades denominadas Educação Ambiental.

Para Reigota (1996, p.53) “(...) nos últimos anos ocorreu o boom da educação ambiental, tornando-a um modismo, que confunde os seus praticantes e usuários e muitas atividades exóticas têm sido chamadas de educação ambiental.”

O autor alerta para o fato de que grande parte das atividades pedagógicas relativas à Educação Ambiental restringe-se a ações isoladas de alguns professores, através de datas comemorativas, como por exemplo, o Dia da Árvore e a Semana do Meio Ambiente.

Para o autor: “o desafio da educação ambiental é sair da ingenuidade e conservadorismo (biológico e político) a que se viu confinada e propor alternativas sociais, considerando a complexidade das relações humanas e ambientais.” (REIGOTA, 1994, p. 28)

Em seu entendimento, a Educação Ambiental não é necessariamente uma prática pedagógica voltada para a transmissão de conhecimentos sobre ecologia. “(...) Trata-se de uma educação que visa não só a utilização racional dos recursos naturais (...), mas basicamente a participação dos cidadãos nas discussões e decisões sobre a questão ambiental.” (REIGOTA, 1994, p. 10)

A reflexão sobre Educação Ambiental envolve questões que vão além de decisões técnicas e ações individuais e comportamentais, conforme destaca Layrargues (2006, p. 83):

(...) revela-se a limitação e a ingenuidade de uma educação ambiental que visa à criação de uma consciência ecológica pura, promovendo uma mudança dos valores culturais, como se bastasse ao humano apenas reaprender a ler o livro da natureza para tornar o desenvolvimento sustentável. (...)

Para Brügger (2004) a educação ambiental desenvolvida atualmente, na maioria das vezes, assemelha-se a um adestramento, ou seja, uma instrução de caráter essencialmente técnico, fruto de uma visão de mundo cientificista e unidimensional. Há uma ênfase na mudança de comportamento, mas não há mudança de valores e grande parte das ações de EA revela, em termos de conteúdo e de forma, uma visão essencialmente instrumental da questão ambiental e da educação.

² Em Carvalho (1991) e Gonçalves (1998) pode-se encontrar uma discussão mais aprofundada sobre a historicidade do conceito de natureza.

³ Pudemos verificar a presença desta concepção nos projetos e ações realizados em Dourados conforme mostraremos adiante.

Essa leitura técnica é fruto das influências das dimensões ocultas dos conceitos de meio ambiente, desenvolvimento sustentável, educação e ciência. A autora aponta, neste sentido, a necessidade de outros paradigmas para a construção de uma educação ambiental crítica.

Na mesma direção, Loureiro (2006) afirma que a reflexão sobre a problemática ambiental deve estar articulada com a contextualização social, cultural, histórica, política, ideológica e econômica para não cair numa visão de mundo dualista. Para ele, é impossível a EA ser praticada de modo descontextualizado das práticas sociais, pois não é possível reverter o quadro apenas com mudanças éticas ou comportamentais, depositando a responsabilidade no indivíduo e eximindo a responsabilidade da estrutura social e o modo de produção.

Guimarães (2006, p. 25), por sua vez, entende que a Educação Ambiental para ser crítica precisa desvelar as causas dos problemas ambientais, questionando a visão de mundo historicamente construída e seus paradigmas que entendem a natureza como recurso. Para o autor, a crise ambiental é a crise de um modelo de sociedade e atualmente desenvolve-se uma educação ambiental que não contesta o paradigma da sociedade moderna e isso, em sua opinião, é uma armadilha:

A visão ingênua, presa à armadilha paradigmática, tende à reprodução das práticas educativas consolidadas; como por exemplo, a da educação comportamentalista que acredita que dando (transmitindo) ao indivíduo (educando) os conhecimentos (aspecto cognitivo) necessários e ainda provocando nele uma sensibilização (aspecto afetivo) pela questão ambiental, o indivíduo pode transformar seu comportamento incorreto e que, se assim for, ao final teremos como resultado da soma destes indivíduos transformados uma sociedade transformada. (...)

Em outra obra (GUIMARÃES, 2004) afirma que a Educação Ambiental não pode continuar sendo considerada como algo à parte da dinâmica social, com ações educativas pouco críticas à realidade, pois isso resulta em posturas políticas conservadoras, mesmo que bem intencionadas. Mais uma vez, o autor relaciona isso com a questão paradigmática:

Essa visão fragmentária potencializa uma forte tendência ao desenvolvimento, nas escolas, de ações isoladas, voltadas para o comportamento de cada indivíduo (aluno), descontextualizadas da realidade socioambiental em que a escola está inserida e do seu próprio projeto político-pedagógico, quando há de fato algum que não seja um documento formalmente escrito. (GUIMARÃES, 2004, p. 37)

Sendo assim, o autor chama a atenção para o fato de que muitas ações de Educação Ambiental, embora impulsionadas por boas intenções, acabam desenvolvendo uma perspectiva comportamentalista focada no indivíduo, com finalidade conteudística e informativa caracterizadas por mera transmissão do conhecimento. Para ele, é necessária a construção de outra noção de sustentabilidade e o problema está na atual modelo de sociedade vigente que se apóia em valores fragmentários, individualistas etc.

Sobre a perspectiva comportamentalista focada no indivíduo, pode-se dizer que o discurso político buscou homogeneizar a crise ambiental para todos os sujeitos e classes sociais, conforme aponta Barcellos:

(...) As estratégias discursivas adotadas sobre o problema colocam todos em pé de igualdade, seja na produção, seja na solução do problema. Dessa forma, os diversos segmentos, inclusive os de esquerda, têm também assumido o discurso da universalização do problema: *todos têm que fazer a sua parte*. Isso se tornou tamanha verdade que o discurso do mutirão, da ação individual do sujeito para salvar o planeta, assumiu dimensões globais. (2008, p. 112)

A partir do exposto, nota-se que a Educação Ambiental desenvolvida nos últimos anos, tem se apoiado nesta perspectiva comportamentalista e mostrado um caráter moralista com ênfase na dimensão ecológica em detrimento das demais contextualizações do problema ambiental, ignorando a dinâmica social.

Loureiro (2004) defende que a reflexão sobre a problemática ambiental deve estar articulada com a contextualização social, cultural, histórica, política, ideológica e econômica para não cair numa visão de mundo dualista. Em sua visão é impossível a Educação Ambiental ser praticada de modo descontextualizado das práticas sociais, na medida em que não é possível reverter o quadro apenas com mudanças éticas ou comportamentais, depositando a responsabilidade no indivíduo e eximindo a responsabilidade da estrutura social e o modo de produção.

Diante destas constatações e reflexões, vários autores têm apontado a necessidade de discussão sobre a questão paradigmática subjacente à problemática ambiental no sentido de romper com a concepção de ciência e conhecimento científico vigentes. Para Leff (2001):

Embora a problemática ambiental exija uma integração de conhecimentos e uma retotalização do saber, as aproximações sistêmicas, holísticas e interdisciplinares, limitadas à reorganização do saber disponível, são insuficientes para satisfazer esta demanda de conhecimentos. Mesmo que a estratégia epistemológica de uma articulação de ciências permita analisar os problemas teóricos que resultam das relações de interdependência entre os diferentes processos materiais, a questão ambiental requer novos conhecimentos teóricos e práticos para a sua compreensão e resolução. (p. 82-83)

O autor afirma que *“a crise ambiental é uma crise do conhecimento: da dissociação entre o ser e o ente à lógica autocentrada da ciência e ao processo de racionalização da modernidade guiado pelos imperativos da racionalidade econômica e instrumental. (...)”* (LEFF, 2001, p. 13)

A crise ambiental problematiza os paradigmas estabelecidos do conhecimento e demanda novas metodologias capazes de orientar um processo de reconstrução do saber que permita realizar uma análise integrada da realidade. Para Hissa:

As questões ambientais reclamam por uma nova concepção de ciência que permita a construção de saberes conjuntivos através da exploração dos limites e das fronteiras que, simultaneamente, apartam e aproximam as disciplinas. Uma concepção feita de abertura de fronteiras instáveis. (HISSA, 2008, p. 57-58)

A reflexão em torno da Educação Ambiental, portanto, não pode ficar restrita à discussão sobre procedimentos e atitudes a serem desenvolvidas no âmbito educativo. A discussão sobre a EA insere-se num campo mais amplo de questões que envolvem as

concepções de natureza e meio ambiente vigentes, bem como os sentidos da crise ambiental e sua relação com os paradigmas do conhecimento.

Com base neste entendimento, analisaremos as ações de Educação Ambiental desenvolvidas no município de Dourados (Mato Grosso do Sul, Brasil).

3. Educação Ambiental e a ação do poder público municipal em Dourados

O Instituto do Meio Ambiente de Dourados (IMAM) – que pertence à Secretaria Municipal de Planejamento e Meio Ambiente - criou um programa denominado Programa Municipal de Educação Ambiental (PREA), que realiza um trabalho de educação ambiental junto a algumas escolas da rede municipal de ensino. Os parceiros do IMAM neste programa são a própria Secretaria Municipal de Planejamento e a Secretaria Municipal de Educação (que fornece os profissionais ao PREA).

O Programa teve início em 2004 e tem um suporte financeiro suficiente somente para seis escolas trabalharem com temas direcionados à questão ambiental, abrangendo várias atividades para que ocorra sensibilização, percepção ambiental e embasamento teórico sobre a temática conduzindo-o a mudanças de atitudes.

Neste sentido, o PREA inicia-se com o levantamento teórico de informações e a reflexão do contexto ambiental, mostrando a importância de ações práticas e concretas para transformar, primeiramente, a casa, a rua, o bairro, enfim, as comunidades sejam no campo ou na cidade.

Ainda nesse Programa existe, desde 2004, o Projeto Monitores Ambientais, no qual foram escolhidas seis escolas localizadas próximas aos córregos urbanos do município de Dourados que se encontram bastante degradados. São as seis escolas participantes desse projeto: Neil Fioravanti, Prof^a Elza Farias Kintschev Kuhn, Prof^a Efantina de Quadros, Aurora Pedroso de Camargo, Lóide Bonfim de Andrade e Weimar Gonçalves Torres. Cada uma dessas escolas escolheu 10 monitores (com idade entre 11 e 17 anos que estejam cursando do 6º ao 9º ano), selecionados pela própria sala de aula, juntamente com um ou dois professores, atuando como coordenadores. Cada escola possui um projeto próprio.

A função dos monitores ambientais é atuarem como orientadores de atitudes de proteção e preservação do ambiente, monitorando e fiscalizando áreas de conservação, bem como informando e sensibilizando a população local através de uma mentalidade ecológica sustentável.

Depois de serem escolhidas as escolas, os coordenadores e os monitores ambientais, algumas reuniões são feitas com representantes do IMAM, Secretaria de Educação e outros parceiros a fim de que sejam apresentados os projetos de cada escola.

É realizado, também, um curso de capacitação com os coordenadores, professores e monitores com o objetivo de se ampliarem os conhecimentos sobre Educação Ambiental nas escolas, sendo que, após esse período de treinamento, iniciam-se as atividades a serem desenvolvidas por cada escola, tais como: palestras, aulas de campo, oficinas, mutirões para a limpeza dos córregos próximos as escolas, plantio de mudas de espécies nativas, audiências públicas envolvendo questões ambientais, entre outras.

Assim, o projeto Monitores Ambientais tem como principal objetivo sensibilizar a comunidade escolar (professores, estudantes, direção, pais, entre outros) para a preservação da região na qual vivem.

Para o biólogo responsável pelo PREA alguns resultados já foram alcançados pelo projeto tais como: o grande interesse e participação de alunos em questões relacionadas ao meio ambiente; ao serem apresentados para a comunidade, os projetos

desenvolvidos pelas escolas também proporcionam uma maior conscientização da população em relação à problemática ambiental; a satisfação dos monitores na sua participação nos projetos.

Entretanto, esse mesmo projeto dos Monitores Ambientais também passa por algumas dificuldades como, por exemplo, tratar da questão ambiental. Esta acaba se tornando uma contradição, uma vez que, a realidade da grande maioria desses monitores e sua família é bem diferente do que é ensinado tanto pelas escolas como pelo projeto. Contudo, mesmo em se tratando de algo um tanto quanto diferente da sua realidade, os alunos procuram através das lições aprendidas, levar tal conhecimento para casa, passando até mesmo para os seus pais, os “reeducandos ambientalmente”.

Outra dificuldade pela qual passa o projeto é que embora todos os alunos possam e devam participar dos projetos do PREA, nem todos o fazem. O problema consiste então, no fato de que, tanto o conhecimento e a prática, bem como os investimentos se concentram mais entre os próprios monitores. Mesmo as escolas querendo expandir seus projetos e ampliar os conhecimentos adquiridos nessa questão ambiental, elas não conseguem reverter essa situação. E mais difícil ainda é a falta de mais financiamentos, seja por parte de órgãos públicos, seja pelas empresas particulares, ou até mesmo pela própria comunidade.

Cada uma das seis escolas envolvidas no PREA desenvolve seus próprios projetos. A escola Neil Fioravanti, desenvolve o Projeto Garça Branca que visa a recuperação do córrego Paragem através da coleta seletiva e reciclagem. O principal objetivo da escola com o projeto é manter a escola limpa e organizar um pouco mais as atitudes da comunidade local. Participam desse projeto, o professor de Geografia e a professora de Ciências da escola, que atuam como coordenadores, bem como dez monitores escolhidos pela própria sala, que cursam do 6º ao 9º ano. Outro ponto importante que a escola procura destacar é que os monitores trabalham o ano inteiro com esse projeto, e não apenas em datas pontuais, tais como a semana do Meio Ambiente e o Dia da Árvore.

A escola Aurora Pedroso de Camargo já tinha um projeto antes mesmo de ser realizada a parceria com o IMAM em 2006, cujo nome era “Revitalização do Espaço Escolar”, que se baseava na conservação do ambiente escolar. Até o final do ano de 2007 a escola trabalhava com dois projetos: o da escola que se chamava Revitalização do Espaço Escolar e o projeto do IMAM que se chama Revitalização do Córrego Paragem, ficando a escola no ano de 2008 somente com o segundo projeto, devido à falta de professores que pudessem auxiliar na coordenação dos mesmos.

O projeto Revitalização do Córrego Paragem funciona da seguinte maneira: no ano de 2007 os dez monitores ambientais foram ao córrego para avaliar a situação do mesmo, que era muito poluído, sendo que nesse ano de 2008 o objetivo já era o de começar a revitalizá-lo. Entretanto, isso não foi possível, pois o projeto só começou a vigorar no mês de setembro, devido à intensa troca de professores da escola, logo a falta de estabilização de um responsável pelo desenvolvimento do projeto.

Há uma reunião por semana, preferencialmente nas sextas-feiras, com os dez monitores, que depois de irem ao Córrego, fazem palestras na escola (passando assim para os demais alunos a importância da conscientização ambiental) e entregando um relatório final sobre a experiência do projeto.

Uma das metas da escola é apresentar à comunidade através de exposições e palestras, os resultados obtidos, bem como a importância desse projeto. Entretanto, como o projeto é recente, isso não pôde ainda ser feito e por isso só pode-se apontar como resultados obtidos, a conscientização dos monitores que, não só querem como gostam muito de participar desse projeto.

A escola Lóide Bonfim de Andrade é parceira do IMAM desde 2004 e desenvolve três projetos ambientais: a horta, o teatro e a “mosquitérica”. Esta última se baseia no combate ao mosquito *Aedes Aegypti*, causador da dengue.

A escola Prof^a Efantina de Quadros, diferente das demais escolas visitadas, destaca-se por ser a única na qual todos os professores da escola fazem parte de projetos tanto ambientais quanto sociais. Cada disciplina participa de um projeto na medida em que ela se enquadra no dado contexto. A parceria da escola com o IMAM aconteceu em 2005 e o nome do projeto da escola é “Meio Ambiente”. Este possui três frentes: a Horta Orgânica; a Jardinagem (na qual a Prefeitura é a colaboradora) e a Coleta Seletiva (cujo colaborador é o IMAM).

A partir dessas informações, verifica-se que a maioria dos projetos e ações desenvolvidas nas escolas municipais envolvidas no PREA, ainda predomina um entendimento essencialmente técnico e comportamentalista da Educação Ambiental.

4. Educação Ambiental nas escolas da rede estadual de Dourados

A investigação no âmbito dos projetos e ações de Educação Ambiental desenvolvidas nas escolas da rede estadual apresentou algumas dificuldades, principalmente quanto ao acesso aos projetos/documentos escritos. Nos contatos e visitas realizadas às escolas, tais documentos (nos poucos casos em que estes existiam) não foram disponibilizados para nossa leitura. Sendo assim, as informações sobre os mesmos foram obtidas por meio de entrevistas com os coordenadores dessas atividades.

Foram visitadas as seguintes escolas da rede estadual de ensino, localizadas na zona urbana de Dourados: Escola Estadual Floriano Viegas Machado; Escola Estadual Presidente Tancredo Neves; Escola Estadual Menodora Fialho de Figueiredo; Escola Estadual Maria da Glória; Escola Estadual Daniel Berg; Escola Estadual Ramona Pedroso; Escola Estadual Castro Alves; Escola Estadual Celso Muller do Amaral.

Pudemos constatar, de forma geral, as seguintes atividades sendo desenvolvidas nas escolas: pinturas de muros, orientações em sala de aula a fim de mostrar para a comunidade que o meio ambiente necessita de ajuda, que cada vez mais os impactos ambientais crescem; plantio de árvores; trabalhos interdisciplinares envolvendo as disciplinas de geografia (aquecimento global, a importância do aterro sanitário), Biologia (tratamento de água), química (dióxido de carbono-CO₂, efeito estufa) e Artes (trabalho com reciclagem); organização de Feira de Ciências; coleta de materiais recicláveis e exposição de trabalhos resultantes da transformação destes; conscientização quanto ao cuidado com o meio ambiente em que os alunos vivem no horário de aula; coleta e venda de materiais recicláveis e exposição de trabalhos resultantes da transformação destes; coleta e venda de matérias recicláveis com os recursos investidos na escola, pintando paredes, comprando lixeiros adequados para cada tipo de material reciclável específico; visitas ao aterro sanitário; palestras sobre animais e plantas em extinção.

Foram visitadas também as Escolas Estaduais Vilmar Vieira Matos e Alicio de Araújo e as coordenadoras pedagógicas afirmaram que no ano de 2008 as escolas desenvolveram projetos de Educação Ambiental, mas não disponibilizaram mais informações sobre os mesmos.

Vale ressaltar que as escolas Estaduais Reis Veloso, Floriana Lopes, Abigail Borralho e Dr. Nelson de Araújo foram visitadas e os coordenadores pedagógicos afirmaram que as mesmas não possuíam projetos de Educação Ambiental.

Em relação às atividades desenvolvidas nas escolas, embora tenham consciência de que mesmo não sendo suficientes, tratam-se, de acordo com o coordenador

pedagógico da escola estadual Maria da Glória ”(...) *de pequenas atitudes individuais, mas que fazem a diferença, pois imagina se cada criança no mundo jogasse um plástico no chão, o que seria do planeta?*”

A partir desta fala, podemos perceber a perspectiva comportamentalista focada no indivíduo como uma concepção muito presente nas ações de Educação Ambiental, conforme já destacamos anteriormente.

Pudemos perceber que embora os responsáveis pelas ações de Educação Ambiental tenham um conhecimento sobre a seriedade da problemática em questão, a mesma ainda é trabalhada superficialmente. Isso porque, no senso comum, o que se entende por meio ambiente e natureza restringe-se aos elementos físicos dissociados da sociedade, do homem.

Entretanto, há algumas escolas que desenvolvem projetos de Educação Ambiental diferenciados das demais, como é o caso da escola estadual Presidente Vargas com o projeto denominado: *Educação Ambiental, Preservação e Revitalização da Instituição Educacional*. Este projeto foi elaborado pela professora da disciplina de matemática, que apesar de não ter sido inicialmente apoiada pelos outros professores para seu desenvolvimento, teve depois de algum tempo a colaboração dos demais profissionais da escola que perceberam que para conservar o meio ambiente (natural), é importante começar a cuidar desde a casa de cada indivíduo.

Assim, o projeto tem por objetivo preservar o ambiente escolar. Inclusive os alunos que participam do projeto, trazem de suas casas materiais recicláveis, vendendo-os e investindo na escola, como por exemplo, pintando muros, paredes e comprando lixeiros adequados para cada tipo de material.

Sobre o projeto em questão, a professora de matemática enfatizou que: “(...) *É necessário que os alunos preservem o meio ambiente escolar junto com os demais colegas constatando que, em lugar que se cuida há uma melhor qualidade de vida para todos (...)*”.

Para o desenvolvimento desse projeto, alunos e professores se dispuseram em realizar atividades até em finais de semana, podendo-se constatar que a escola se encontrava em perfeitas condições de conservação, paredes pintadas, cadeiras e carteiras bem conservadas e sem lixo no chão.

É importante lembrar que não só os professores e alunos, mas também os pais dos alunos colaboraram com o desenvolvimento do projeto através de doações de objetos tais como cestos de lixo, latas de tintas, entre outros.

Foi possível constatar que em todas as escolas visitadas a Educação Ambiental está sendo desenvolvida no intuito de mostrar a importância do indivíduo em preservar o meio ambiente; em algumas é desenvolvida de forma pontual, com projetos específicos, e em outras de forma interdisciplinar.

Da mesma forma que nas escolas da rede municipal participantes do Programa Municipal de Educação Ambiental (PREA), nas escolas da rede estadual também verificamos a predominância de práticas e concepções de Educação Ambiental voltadas à uma finalidade conteudística e informativa, na maioria das vezes descontextualizada em relação à realidade socioambiental existente.

Constatou-se, ainda, a ênfase no comportamentalismo presente não só nas práticas desenvolvidas, como também nas próprias concepções expressas nas falas dos professores responsáveis pelas atividades em cada escola. A ideia do “*cada um faz a sua parte*” está muito presente nas concepções de Educação Ambiental que embasam as práticas nas escolas.

5. Considerações preliminares

A partir dos dados e informações obtidas, pudemos constatar que a Educação Ambiental está presente na maioria das escolas estaduais de Dourados. Em algumas é apenas pontual, com atividades de plantio de árvores no dia da árvore, já em outras escolas há projetos de Educação Ambiental que abrangem a questão ambiental de forma mais ampla.

A Escola Estadual Presidente Vargas, por exemplo, desenvolve um projeto em que o objetivo central é a revitalização da instituição educacional e a atividade busca conscientizar os alunos em cuidar do meio ambiente em que vivem no horário de aula, ou seja, a escola. Os alunos juntam materiais recicláveis, vendem e com o dinheiro adquirido investem na escola, pintando paredes, comprando lixeiros adequados para cada tipo de material reciclável específico melhorando o ambiente escolar.

De uma forma geral, pudemos constatar que as escolas procuram trabalhar a Educação Ambiental numa perspectiva interdisciplinar, no entanto, em alguns casos, as atividades realizadas ainda são pontuais, envolvendo poucas disciplinas. Além disso, possuem finalidade conteudística e informativa restringindo-se à transmissão do conhecimento. Essas atividades são, na maioria das vezes, descontextualizadas em relação à realidade socioambiental existente.

As constatações feitas a partir da identificação das atividades realizadas nas escolas da rede estadual de Dourados (MS) nos conduzem a refletir a partir dos pressupostos teóricos e discussões de alguns autores. Verifica-se que as questões e problemas levantados pelos autores estão presentes na realidade estudada. Observa-se que na maioria das escolas, as atividades apresentam finalidade conteudística e informativa restringindo-se à transmissão do conhecimento sendo descontextualizadas em relação à realidade socioambiental existente.

No caso das ações realizadas pelo poder público municipal, percebe-se que embora o Programa Municipal de Educação Ambiental (PREA) de Dourados - com base no entendimento do biólogo responsável por seu desenvolvimento - procure *“reverter a visão simplista com que tem sido concebida e aplicada a Educação Ambiental, reduzindo-a a processos de sensibilização ou percepção ambiental (...)”* na maioria dos projetos e ações desenvolvidas nas escolas ainda predomina um entendimento essencialmente técnico e comportamentalista da questão.

O conteúdo presente no texto do PREA não expressa a relação e importância da Educação Ambiental ser praticada de modo contextualizado com as práticas sociais, percebe-se um direcionamento para as mudanças éticas ou comportamentais.

Os próprios projetos desenvolvidos pelas escolas mostram esse caráter: a Escola Aurora Pedroso desenvolveu o projeto “Jardinagem na escola” e “Aprendendo reciclar brincando”; a escola Weimar Gonçalves Torres desenvolveu os projetos “Lixo Reciclável” e “Plantio de árvores no pátio da escola”; a escola Lóide Bonfim desenvolveu o projeto “Reciclar também é cidadania”; a escola Januário Pereira de Araújo desenvolveu o projeto de reciclagem do lixo e a escola Neil Fioravante o projeto “Garça Branca” no qual várias atividades foram desenvolvidas (coleta seletiva, reciclagem de materiais, horta medicinal e orgânica, um plantio de árvores nativas no Parque Arnulfo Fioravante, trilhas ecológicas, oficinas, visitas técnicas, eventos culturais, palestras variadas e outras).

Neste momento, estamos realizando entrevistas e acompanhamento *in loco* das atividades de Educação Ambiental tanto em âmbito municipal como nas escolas da rede estadual a fim de ampliarmos as informações e compreensão sobre estas. Esperamos que isso contribua para uma verticalização das análises aqui iniciadas.

6. Referências Bibliográficas

- BARCELLOS, Gilsa H. A crise ambiental e a mercantilização da natureza. In: HISSA, Cássio E. V. (Org.) *Saberes Ambientais: desafios para o conhecimento disciplinar*. Belo Horizonte: Ed. da UFMG, 2008, p. 109-124.
- BRÜGGER, Paula. *Educação ou adestramento ambiental?* 3ª ed. Chapecó: Argos; Florianópolis: Letras Contemporâneas, 2004.
- CARVALHO, I. C. M. *Educação Ambiental: a formação do sujeito ecológico*. São Paulo: Cortez, 2006.
- CARVALHO, M. *O que é natureza*. São Paulo: Brasiliense, 1991.
- GUIMARÃES, M. Armadilha paradigmática na educação ambiental. In: LOUREIRO, Carlos F. B. et al (Orgs.) *Pensamento complexo, dialética e educação ambiental*. São Paulo: Cortez, 2006, p. 15-29.
- _____. *A formação de educadores ambientais*. Campinas: Papirus, 2004.
- HISSA, Cássio E. V. Saberes Ambientais: a prevalência da abertura. In: HISSA, Cássio E. V. (Org.) *Saberes Ambientais: desafios para o conhecimento disciplinar*. Belo Horizonte: Ed. da UFMG, 2008, p. 47-64.
- LAYRARGUES, P.P. Muito além da natureza: educação ambiental e reprodução social. In: LOUREIRO, Carlos F. B. et al (Orgs.) *Pensamento complexo, dialética e educação ambiental*. São Paulo: Cortez, 2006, p. 72-101.
- LEFF, Enrique. *Epistemologia ambiental*. São Paulo: Cortez, 2001.
- LEROY, J.P. & PACHECO, T. Dilemas de uma educação em tempo de crise. In: LOUREIRO, Carlos F. B. et al (Orgs.) *Pensamento complexo, dialética e educação ambiental*. São Paulo: Cortez, 2006, p. 30-71.
- LOUREIRO, Carlos F. B. *Trajatória e fundamentos da Educação Ambiental*. São Paulo: Cortez, 2006.
- REIGOTA, Marcos. *O que é Educação Ambiental*. São Paulo: Brasiliense, 1996.
- _____. *Meio Ambiente e representação social*. São Paulo: Cortez, 1994.
- TAMAIU, Irineu. *O professor na construção do conceito de natureza: uma experiência de educação ambiental*. São Paulo: Annablume:WWF, 2002.